



BREVE HISTÓRIA DO COMÉRCIO NO BOM RETIRO: IMIGRAÇÃO E CULTURAS EM MOVIMENTO

Simone Toji / IPHAN – SP / simonetoji@gmail.com

Este trabalho faz parte das atividades desenvolvidas dentro do Projeto de Inventário de Referências Culturais do Bom Retiro: “Multiculturalismo em Situação Urbana”, que faz parte do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A reflexão aqui apresentada visa discutir a relação entre cultura e comércio a partir da história do desenvolvimento do comércio na região do Bom Retiro, bairro central da cidade de São Paulo.

Tal investigação se utilizou da realização de entrevistas abertas com moradores e comerciantes do Bom Retiro entre 2006 e 2007 e de depoimentos disponíveis no Museu da Pessoa de indivíduos ligados ao contexto do mesmo local. Desse modo, se trabalhou com as representações encontradas nos relatos individuais para se esboçar um breve contínuo histórico por meio dessas vivências cotidianas.

A história do comércio do Bom Retiro está intimamente atrelada aos movimentos migratórios realizados para o estado de São Paulo. Como marco de recorte histórico, estabelecemos a data de 1867 como parâmetro inicial, quando a Estação da Luz é inaugurada e a intensa imigração desponta com a economia do café funcionando a todo vapor. Nem todos os imigrantes se dirigiram às plantações no interior, muitos decidiram se fixar nas proximidades da estação, onde se localiza o bairro Bom Retiro. Como marco final, estipulamos a década de 1990, quando a última leva migratória de porte surge no contexto da região.

O comércio e a pequena indústria de confecção de roupas no Bom Retiro foi um desses espaços que possibilitou a incorporação de inúmeros grupos e indivíduos estrangeiros à sociedade nacional. Ao mesmo tempo, esses grupos, portadores de bagagens culturais diversas, colocaram em prática soluções e idéias particulares em suas relações comerciais, fazendo desenvolver os negócios locais conforme a época e o contexto.

Até a década de 1920, o Bom Retiro era um bairro essencialmente industrial e de residência operária. Com a contínua transferência das indústrias para bairros como Ipiranga, Móoca e Região do ABC (municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul), a região foi se transformando numa área comercial. As famílias de origem italiana que permaneceram no bairro passaram a se concentrar no **comércio local de alimentos**.



Concomitante a isso, inicia-se a chegada maciça de judeus provindos principalmente da Rússia e da Europa Oriental à região do Bom Retiro.

Grande número de judeus iniciou trabalho revendendo mercadorias - principalmente tecidos e roupas confeccionadas - em outros bairros de São Paulo ou pelo interior. No trabalho de **mascate**, os judeus praticaram uma nova modalidade de pagamento, a **prestação**, sendo conhecidos até como “judeus de prestação” ou “russos de prestação”. Esse novo modo de realizar pagamentos, em dividir parcelas do total em sucessivos meses se adequou ao poder aquisitivo popular. Porém, ao mesmo tempo, era peculiar de um tipo de sociabilidade característico da época que era o **compromisso da palavra dada**.

O vender, pagar e receber não se caracterizava apenas como operação financeira, mas incluía todo um modo de se relacionar da época. A palavra falada era suficiente para estabelecer compromissos (“as pessoas tinha palavra”), que eram sustentados pelo zelo de prezar pela honra como pessoa (a “hombridade”). A relação entre vendedor e comprador era bastante pessoalizada.

Mascates bem-sucedidos e alguns judeus com certo capital também investiram na abertura de lojas e na produção de roupas no Bom Retiro. A Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro teve um papel importante no estabelecimento de muitos imigrantes e descendentes judeus no comércio e na produção de roupas.

É recorrente que as primeiras lojas e confecções abertas pelos judeus tivessem a seguinte feição:

“A loja o que é que era, era levantar a porta de arrolar, o pessoal entrava e tinha os balcões. No fundo ou na parte de cima, a pessoa residia, era o sistema daquela época.”

Assim como os lojistas, os produtores dividiam num mesmo imóvel a residência e o local de produção de peças. Misturando a vida privada da família com a vida profissional, esses empreendimentos muitas vezes eram baseados no trabalho do núcleo familiar, mulheres e filhos também participavam de alguma etapa da produção.

Isso também já denota a dinâmica de uso intensivo de mão-de-obra no serviço de costura no Bom Retiro, que além disso tinha que ser barata. Assim, esses imigrantes e descendentes de primeira geração tiveram de utilizar-se, num primeiro momento, do trabalho de baixo custo de seus próprios familiares para adentrar o universo da produção e comércio de roupas populares. Em seguida, foram buscando alternativas como o uso de mão-de-obra de patrícios sem nenhum capital, até chegar à mão-de-obra nas periferias da cidade, nas “Casas Verdes da vida”. Desde o princípio, a



dinâmica da confecção de roupas no Bom Retiro foi descentralizada, isto é, algumas etapas da confecção de roupas eram realizadas por núcleos de produção diferentes. Atualmente, damos o nome a isso de “terceirização”. A descentralização da produção de roupas no Bom Retiro não se desenvolveu tendo como marco as relações de trabalho formais e de contrato trabalhista, parece ter sempre trabalhado nas brechas da informalidade e da precariedade.

As Estradas de Ferro Santos-Jundiaí e Sorocabana passaram a realizar o transporte de passageiros provenientes das áreas suburbanas do município e também de cidades do interior, que trabalhavam ou se abasteciam na região central de São Paulo. Isso também consolidou a vocação do Bom Retiro como área de comércio. Um comércio varejista e mais popular.

Se no mascatear a “**palavra**” era o que estabelecia a relação entre comprador e vendedor, no comércio do Bom Retiro até o pós-guerra, a “**confiança**” entre o dono da loja e o cliente era o que movimentava as transações. Aqui também a relação de compra e venda é mais pessoalizada, o “contato” em si e o “conhecer as pessoas” (“... sabe onde mora, sabe de onde é...”) se mostram fundamentais para realizar a operação. O crédito se tornava disponível entre pessoas que vão se relacionando (“No começo a pessoa tem que pagar, né, depois ia criando aquela autoconfiança, e a pessoa ia tendo um crédito aberto, e fazia, como se fosse um tipo de uma caderneta de pagamento, né, levava a mercadoria, quando voltava trazia dinheiro, aí levava mais mercadoria, depois voltava, trazia dinheiro e levava mais mercadoria”).

Nas décadas de 1950 e 1960, muitos gregos se estabeleceram em São Paulo e encontraram inserção dentro da confecção de roupas no Bom Retiro. Os gregos se sentiram muito à vontade com o tipo de comércio pessoalizado, produção familiar, num modelo já estabelecido a partir da presença dos judeus.

O surgimento dos primeiros *shopping centers*, como o Iguatemi, em 1966, o Lapa, em 1969 e o Matarazzo, no início de 1970, mudou de vez o perfil dos consumidores que transitavam pelo Bom Retiro, já que as camadas médias e altas começam a freqüentar os novos centros de consumo.

A partir daí, surge a dicotomia entre o **comércio de rua** e o **comércio dos shoppings**, ficando caracterizado no senso comum a idéia de que o comércio de rua seria mais popular e com produtos de qualidade inferior. Já o que acontece no Bom Retiro é a mudança no foco da produção de roupas, que passa a atender preferencialmente o **comércio de atacado**, isto é, as confecções passam a fornecer produtos para outros estabelecimentos.

O comércio de atacado de roupas pôde ser levado conjuntamente com o comércio de roupas no varejo no Bom Retiro, porém, o crescente volume dos negócios estimulou também a



modernização das formas de pagamento e relacionamento entre compradores e vendedores, vieram o **cheque**, o **cartão de crédito** e os **profissionais de venda e cobrança**.

A passagem das antigas formas de relacionamento mais pessoalizado entre compradores e lojistas para formas mais impessoais e indiretas, como “duplicatas”, não foi absorvida espontaneamente. Sente-se uma certa nostalgia das “palavra” e da “confiança” quando se ouve que “eu acho que se perdeu muito aquela pureza, aquela honestidade que as pessoas tinham”.

É dentro desse movimento socioeconômico local e global que a imigração coreana se incorpora à dinâmica de produção e comércio de roupas. É a partir da década de 1970 que a presença coreana se torna mais visível nos negócios têxteis e de confecção do Bom Retiro.

Os imigrantes coreanos possuem uma instituição chamada *kye*, que capitaliza somas em dinheiro na comunidade coreana para que um dos membros possa iniciar um empreendimento. Esse tipo de recurso foi muito comum para a instalação das inúmeras confecções dirigidas por coreanos.

No início, os coreanos aprenderam a lidar com o ramo da confecção por meio de comerciantes e produtores de roupas judeus. Segundo depoente coreano, a “fórmula” de sucesso do processo de trabalho e produção desenvolvido pelos coreanos no ramo de confecção seria a **união + criatividade**. A união faz referência à organização do pequeno negócio ser formada apenas de integrantes do núcleo familiar coreano. Já a criatividade significaria o espírito empreendedor e a necessidade de pesado investimento na formação educacional dos pequenos empresários coreanos e seus descendentes, para acompanhar o intenso processo de transformações exigido pelo mercado de roupas.

Assim, a partir de uma forma já presente de comércio e produção de bens no Bom Retiro, a dos judeus, os coreanos irão implementar algumas mudanças. Os pequenos empresários coreanos serão os primeiros a claramente separar a residência do local de trabalho. Se para as famílias judias era comum ter a loja na frente e a casa atrás, ou, uma parte da moradia ser um núcleo de costura; para as famílias coreanas, a casa se situa em outro espaço diferente da do trabalho, muitas vezes possuem lojas no Bom Retiro, mas residem em outros bairros como Aclimação. A partir da presença dos coreanos, o local de trabalho no Bom Retiro ficou dividido em loja na frente e produção atrás da loja. Isso quer dizer, que o local de trabalho ficou dividido no atendimento ao varejo na frente, e no atendimento ao atacado, aos fundos ou em cima.

Os comerciantes e produtores coreanos de roupas também são reconhecidos pelos outros grupos por trazer algumas inovações arquitetônicas ao comércio na região, colocando vitrines modernas. A presença coreana na produção e comércio de roupas no Bom Retiro acompanhou



também a globalização dos mercados, importando tecidos do exterior e acessórios de vestuários, de modo a baratear os custos de produção das confecções.

Ao mesmo tempo também se intensificaram as relações mais impessoais e indiretas nos relacionamentos comerciais do Bom Retiro, o que deixa muita saudade nos empreendedores mais antigos, das maneiras mais diretas e pessoais de convivência entre fornecedores, produtores, vendedores e compradores. Mais uma vez, a “índole” dos coreanos é vista como vetor desse processo de “desencantamento” nas relações sociais dentro da região do Bom Retiro.

A mais recente participação no sistema de produção e comércio do Bom Retiro, a partir dos anos 90, é a presença de latino-americanos, principalmente imigrantes bolivianos e peruanos. Ainda não se consolidou alguma contribuição mais notória em termos de mudanças no sistema de produção e circulação de mercadorias na região, mesmo porque a imigração de latino-americanos para a cidade de São Paulo e, em especial, para a região do Bom Retiro ainda está se processando. Infelizmente, devido a situação precária que se encontram esses imigrantes, grande parte deles ingressam no sistema nos espaços mais precários e informais, que é o do trabalho precário, informal e até ilegal. Normalmente, esses estrangeiros trabalham na etapa de costura, quase como terceirizados, ganhando por produção. Como para cada peça trabalhada por eles é dado um pagamento ínfimo, eles passam mais de 12 horas/dia em cima de máquinas de costuras. A situação de imigrante ilegal, muitas vezes, agrava a exploração de seu trabalho.

Até onde se depreende, a história do comércio no Bom Retiro acompanhou e acompanha a dinâmica que se realiza com as experiências culturais de diferentes grupos, que chegando em diferentes épocas foram imprimindo mudanças nas relações de comércio local, expressando de modo claro que o comércio também se articula com a esfera cultural da vida.

Bibliografia

DETONIO, Hilário. *O Bairro do Bom Retiro: história dos bairros de São Paulo*. São Paulo, Secretaria de Educação e Cultura, 1971.

EVASO, Alexandre Sérgio. *Bom Retiro: Refuncionalização de um Bairro Paulistano*. Trabalho de Graduação Individual. Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

FALBEL, Nachman. “A Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro”. In: *Boletim Informativo nº 19 do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro*. Ano IV, maio de 2000.



LONDRES, Maria Cecília. 2000. “Referências Culturais: Base para novas Políticas de Patrimônio”. In: *Inventário Nacional de Referências Culturais- Manual de Aplicação*. Departamento de Identificação e Documentação, IPHAN, MINC.

RICUPERO, Bernardo. 2001. □ Bom Retiro dos Imigrantes □. In: *Braudel Papers*, nº 28, São Paulo.

TRUZZI, Oswaldo. (20010) □ Etnias em convívio: o Bairro do Bom Retiro em São Paulo □. In: *Estudos Históricos*, nº 28, Rio de Janeiro.